

FAO

ano IX . # 41

A detailed black and white illustration of a man with long dreadlocks, a goatee, and extensive tattoos. He is shown from the waist up, leaning slightly to the left. His tattoos include a large floral design on his chest, a lotus flower on his abdomen, and various patterns on his arms and neck. The background is a textured, light brown surface with a large, dark, ink-blot-like splash on the right side.

ALEXANDRE VICENTE

MARK ALAN

JOHN S. BARRINGTON

GEORGE KRAUSE

NUDEZ CARNAVALESCA

FALO® é uma publicação bimestral.
março 2026.
ISSN 2675-018X
versão 20.03.26

edição, redação e design: *Filipe Chagas*.
corpo editorial: *Dr. Alcemar Maia Souto e Marcos Rossetton*.
site: *Pedro Muraki*.

capa: nanquim e aquarela sobre papel de Alexandre Vicente.

Zelo e técnica foram empregados na edição desta revista. Ainda assim, podem ocorrer erros de digitação ou dúvida conceitual. Em qualquer caso, solicitamos a comunicação (falonart@gmail.com) para que possamos verificar, esclarecer ou encaminhar a questão.

Direitos e Comprometimento:

Esta revista está comprometida com artistas que possuem direitos autorais de seu próprio trabalho. Todos os direitos estão reservados e, portanto, nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do artista.

Temos o cuidado de garantir que as imagens usadas nesta publicação tenham sido fornecidas pelos criadores com permissão de direitos autorais ou sejam livres de direitos autorais ou sejam usadas no protocolo de “uso justo” compartilhado pela internet (imagens em baixa resolução, atribuída a seu criador, sem fins lucrativos e usada apenas para ilustrar um artigo ou história relevante).

Se, no entanto, houve uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com e procederemos da melhor forma possível.

Submissões:

Caso haja o interesse de participar da revista seja como artista, modelo ou jornalista, entre em contato através do e-mail falonart@gmail.com.



COMPRE PRODUTOS FALO

COLAB55

Sumário

ALEXANDRE VICENTE 6

MARK ALAN 20

FALO DE HISTÓRIA
John S. Barrington 36

FALO em FOCO
George Krause 48

FALÓFORO 56

FALORRAGIA
Nudez carnavalesca 60

FLACCID ZINE
Melhor relação com o pau mole 68

CONTOS DO FALO
No topo do mundo 70

CRÔNICA FÁLICA
Textículo 03 72

Adão Iturrusgarai | Marlon Thor 74

FALO com VOCÊ 76

moNUmento 79





Arte a partir de foto na Internet. Fonte: Otempo.

Nota sobre nudez:

Esta publicação é sobre a representação da nudez masculina (cis/trans) na Arte. Há, portanto, imagens de genitais. Consulte com precaução. Caso se sinta ofendido, apenas pare de ler. Entre em contato se achar conveniente.

O Carnaval brasileiro é um dos mais conhecidos do mundo e compreende uma das maiores expressões culturais do país. Dias seguidos de festas variadas, com muita bebida, corpos dispostos e uma certa suspensão da moralidade – que tem seus prós e contras. Essa edição embarca nessa celebração de várias maneiras, desde os artistas convidados (que mostram tanto um certo mistério quanto a farta exposição de corpos) até os textos que versam sobre os caminhos da nudez do corpo e do desejo na festividade.

Mas esse momento especial do calendário nos faz refletir também sobre essas pausas que nos levam a viver a vida de outra maneira, muitas vezes, mais livre do que em nosso cotidiano. Com um dia-a-dia cada vez mais exaustivo, mais enlouquecedor, atravessado por questões individuais e coletivas (inclusive a um nível internacional explosivo), cada pequeno espaço de ar é um luxo,

mas também um momento crítico, pois a maioria preenche com outras atividades numa lógica necropolítica neoliberal ao invés de encontrar seus prazeres. É por isso que um período de tempo cancelado pelo sistema se torna uma válvula de escape.

Nesse viés de encontrar tempo de qualidade, a Falo Magazine estabeleceu uma parceria com o projeto Flaccid Zine – de Rodrigo Turra, que já teve seu manifesto publicado na edição 35 – para trazer questionamentos e reflexões a partir do tabu pau mole. Sim, isso mesmo, um tabu que se tornou uma indústria de harmonização peniana por opressão estética. Então, a partir de agora, todas as edições da Falo terão um texto do projeto para fazer a gente reduzir certos estresses e abriremos espaço para uma vida que não busca escapes, mas é vivida da melhor forma possível.

Aproveite a vida.

Filipe Chagas
criador e editor



Pelo desenho, cria-se mundos. Pelo desenho, expressam-se sentimentos. Pelo desenho, fala-se. O desenho é uma das primeiras entradas do fazer artístico e foi através dele que **Alexandre Vicente** – mais conhecido como *Deerandbeard* nas redes – se concebeu. Como toda criança, começou a desenhar de maneira autodidata. Mais tarde, estudou História e História da Arte. Mesmo com uma longa pausa particular, sempre entendeu o desenho como sua forma principal de expressão.

Alexandre Vicente

DEERANDBEARD

por Filipe Chagas

Com a potência de sua imaginação, o artista começou com animais e retratos se desafiando à “dar vida” no papel. Admirador de Klimt e Mucha, Vicente buscou referências no Simbolismo e na Art nouveau para misturar elementos em obras oníricas sensuais e, por vezes, erótica, utilizando aquarela, tinta preta, canetas, lápis (“e, às vezes, folhas de ouro ou prata aplicadas”).

Gosto de misturar plantas, pássaros e manchas de tinta com o corpo. Crio algo em movimento, em um sonho. Nem sempre tenho o resultado final em mente; simplesmente deixo minhas mãos desenharem e minha mente segue seu próprio caminho.





De corpos em movimento para o nu foi rápido. Após um começo tímido, hoje entende a nudez como parte essencial da Arte em si e passou até a usar a si mesmo como referências de pose em um processo pessoal de autoaceitação.

O corpo masculino é uma criação tão bela e eu quero celebrá-lo. Quero desenhar todas as partes do corpo humano e do corpo masculino. Nudez é totalmente normal e natural. Ela pode ser simples, sensual, erótica ou mais pornográfica e está tudo bem. Tudo está certo.





E nisso, claro, inclui a presença de genitais. Quando necessário, Vicente deixa a ideia assumir representação de um nu frontal sem vergonha e sem querer basear seu trabalho no pênis ou reduzir a masculinidade a um membro. Sua atmosfera artística, contudo, se conecta com a suavidade e o mistério por trás de um falo em “sua fase normal”, onde “só podemos imaginar como ele irá ficar”.

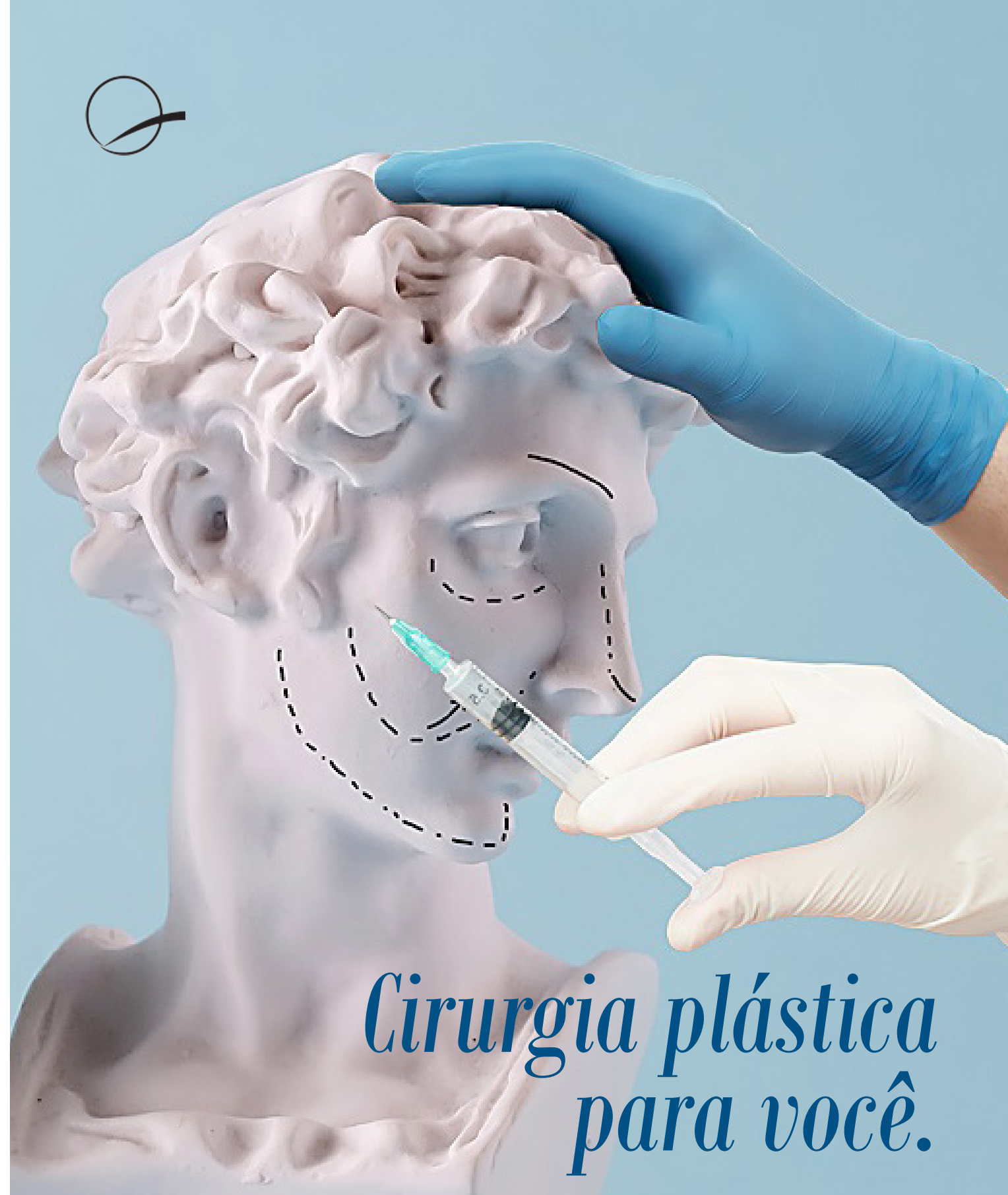




O artista percebe a aceitação da nudez masculina na arte em oposição ao conservadorismo das redes sociais. Isso o levou a uma reflexão sobre o próprio lugar na arte, onde sua dificuldade (autossabotagem?) de se enxergar como artista passou a depender da validação de outros. Ao enxergar sua capacidade de fazer as pessoas viajarem em emoções, reconheceu sua verdade artística.

As pessoas podem se surpreender ou se chocar. Tanto faz! Não faço arte para chocar as pessoas. Faço nu masculinos porque gosto e não porque quero provocar nas redes sociais. Faço arte para celebrar a vida e a criatividade.

8=D



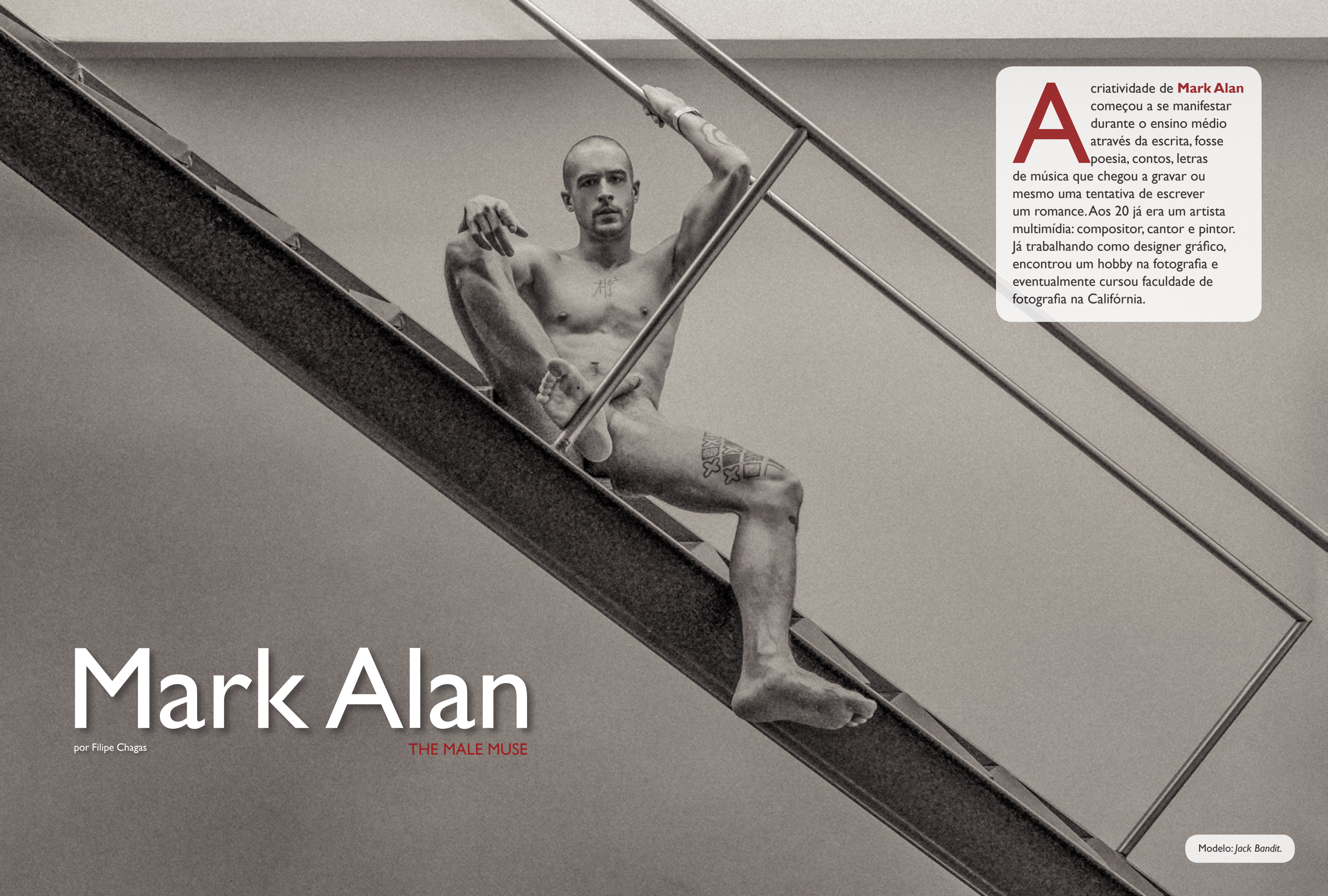
*Cirurgia plástica
para você.*



Dr. Alcemar Maia Souto CRM 5246681-1

+55 21 97395 8000

alcemarmaiasouto@gmail.com



Mark Alan

por Filipe Chagas

THE MALE MUSE

A criatividade de **Mark Alan** começou a se manifestar durante o ensino médio através da escrita, fosse poesia, contos, letras de música que chegou a gravar ou mesmo uma tentativa de escrever um romance. Aos 20 já era um artista multimídia: compositor, cantor e pintor. Já trabalhando como designer gráfico, encontrou um hobby na fotografia e eventualmente cursou faculdade de fotografia na Califórnia.

Modelo: *Jack Bandit*.

Alan revela que seu estilo é espontâneo e colaborativo, preferindo “fotografar de improviso” em vez de seguir planos rígidos elaborados antes de uma sessão de fotos.

Para mim, o elemento surpresa durante uma sessão é muito empolgante. Sempre discuto com antecedência para conhecer os desejos e limitações do modelo, mas nunca sei que energia ele trará para o nosso encontro combinado, ou como eu estarei naquele dia. Não forço as coisas em uma direção erótica, a menos que o modelo tenha expressado a vontade de explorar isso. É mais prazeroso para mim ver a magia acontecer no momento.

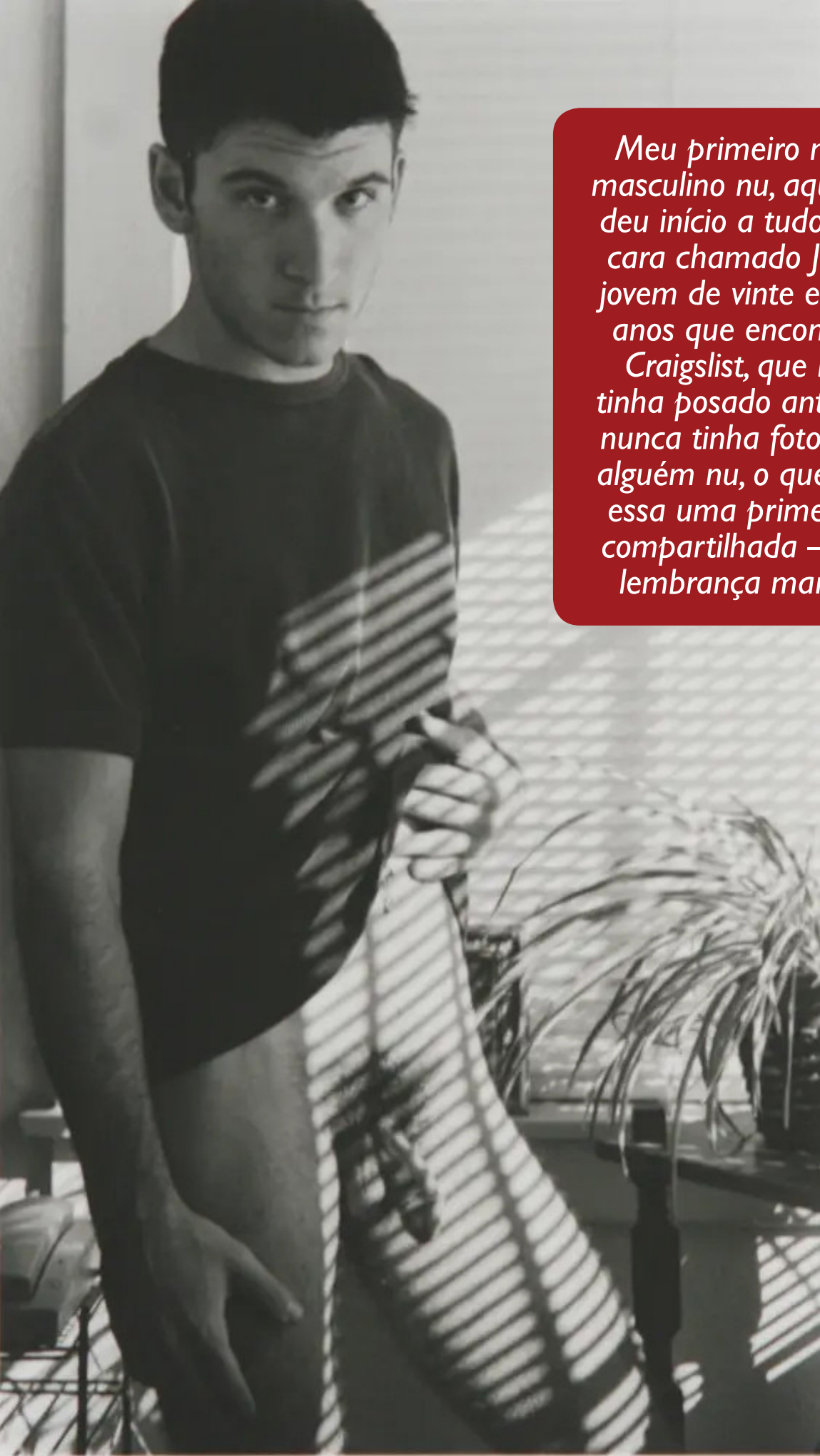


Modelo: Leander.



Modelo: Hung Berlin Guy.

Meu primeiro modelo masculino nu, aquele que deu início a tudo, foi um cara chamado Joe. Um jovem de vinte e poucos anos que encontrei no Craigslist, que nunca tinha posado antes, e eu nunca tinha fotografado alguém nu, o que tornou essa uma primeira vez compartilhada — e uma lembrança marcante.



Modelo: Joe.



THE MALLE MUSE



O trabalho de Alan transita entre os mundos da arte e do explícito com uma abordagem editorial minimalista. Essa flexibilidade permite uma gama de resultados, de nus convencionais a cenas sexuais íntimas e cruas. Embora tenda a experimentar diferentes fontes de luz e efeitos de edição na pós-produção, prefere simplificar ao máximo a captura do modelo e do ambiente para que todos possam usar as imagens em redes sociais e portfólios.

A forma masculina é a fonte de criação do fotógrafo. Mesmo com o desejo de trabalhar com todos os tipos de corpos, sabe que os tipos atléticos são os que mais atraem público e os que mais buscam ensaios.

Estou sempre em busca de explorar os mistérios da masculinidade e me sinto compelido a documentá-la o máximo possível. Cada modelo oferece seu próprio mundo único a ser descoberto. Se os olhos de um modelo me cativam, tento fazer com que eles contem histórias.



Modelo: Jack Bandit.



Modelo: Adri.



Modelo: Manuel Capri.



Modelo: Santiago Santamaria.



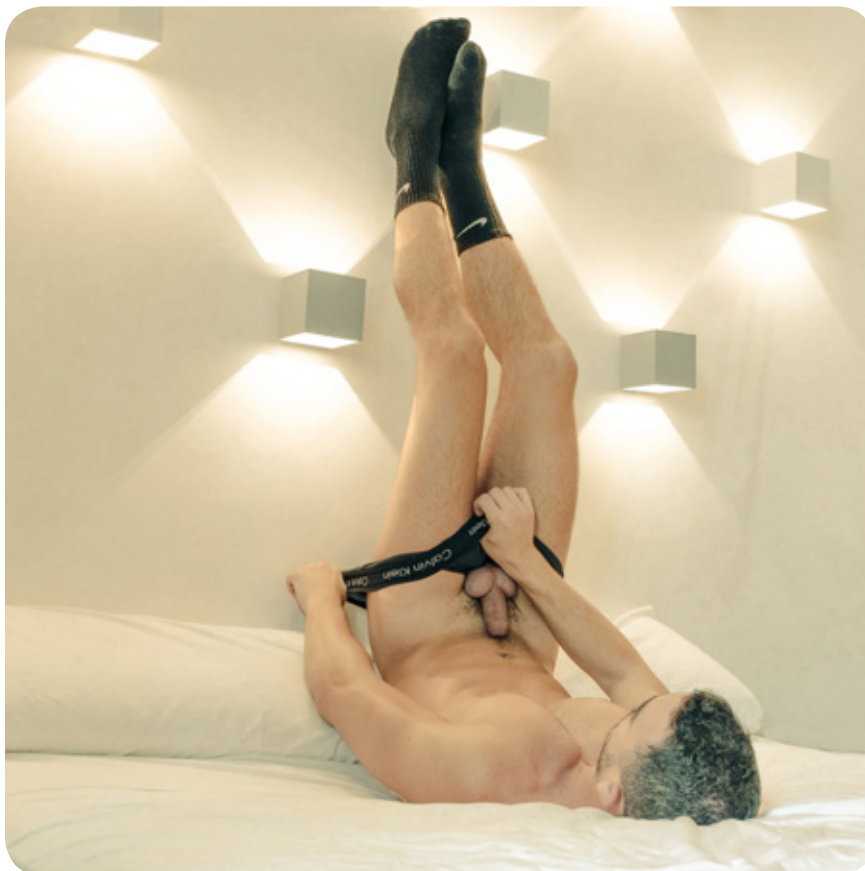
Modelo: Jonzu.

Modelo: Kevin.

Para Alan, o pênis desempenha um papel fundamental na representação da totalidade do corpo masculino. Sua inclusão em uma fotografia pode transmitir tanto poder quanto vulnerabilidade (“me sinto muito honrado quando um homem se abre para a minha câmera e se entrega de forma tão íntima”). Enxerga beleza tanto na poesia de uma pênis flácido quanto no desejo transmitido por uma ereção.

Contudo, está ciente das dificuldades de aceitação da temática:

Talvez eu veja isso em grupos marginais, mas ainda não tenho certeza quanto à opinião da maioria. Em muitas partes da sociedade, existe muita fobia até mesmo de um vislumbre de um pênis, quanto mais de tê-lo documentado descaradamente em fotografia. Alguns não conseguem conceber o pênis como algo além de um órgão sexual, algo para ser usado no ato e depois guardado, sem que se fale sobre ele. Algo para ser fetichizado, mas não verdadeiramente admirado.



Modelo: Dean Menace.



Modelo: Bombarto.





Modelo: Pervy Narcissus.



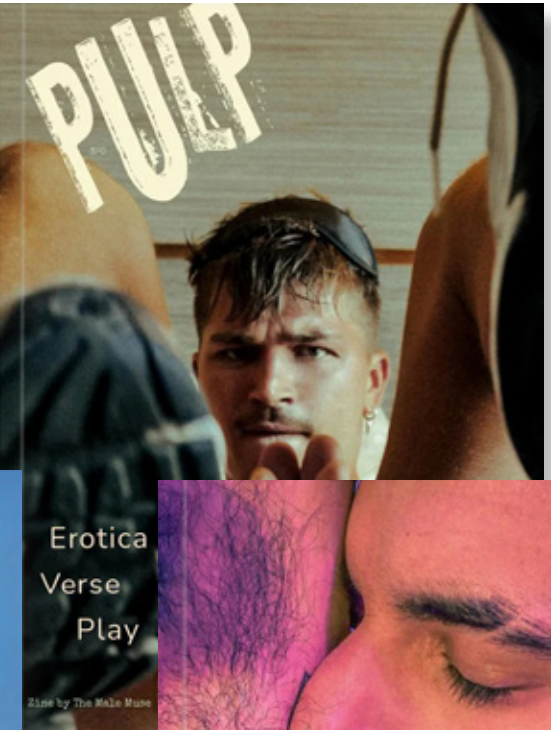
Modelo: Aaron Broderick.



Modelo: Aniello.



Além de organizar os ensaios fotográficos por conta própria, desde 2023 Alan tem se dividido em editor de várias revistas queer: **Happy Trail** (zine apresentando o trabalho mais convencional com foco em fisiculturismo), **Pulp** (zine experimental e fetichista), **Inspiró** (publicação de apoio para artistas queer que produzem homoerotismo masculino) e **Sniff** (nova publicação sobre fetiche e belas artes). Ou seja, Alan não é só um artista multimídia: é um agente cultural multitarefa! **8=D**



Falo de História

por Filipe Chagas

John S. Barrington

1921-1991



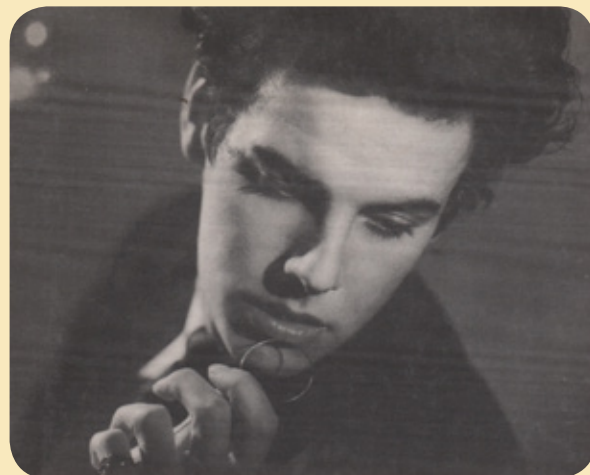
John Hamill, 1966.
(Coleção Rupert Smith.
Fonte: Internet.)

O artista, fotógrafo e editor **John S. Barrington** (1921-1991) construiu uma vida dupla como pai de família e o padrinho da fotografia de fisiculturismo britânica, que desafiava abertamente as rígidas leis anti-homossexualidade do Reino Unido, enquanto negava veementemente ser gay.

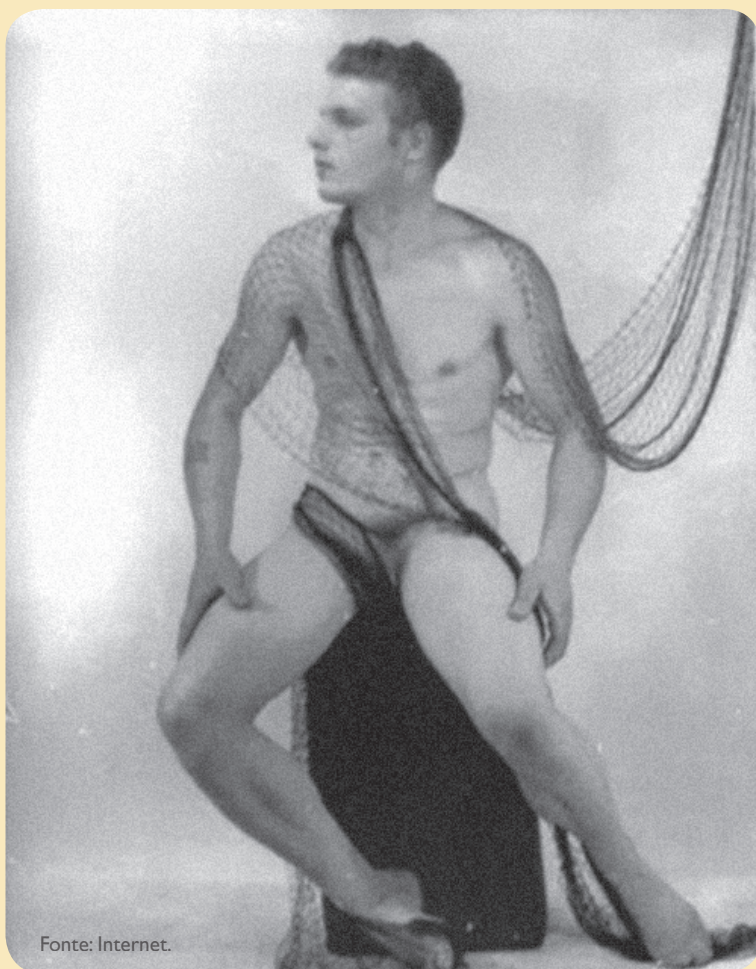
Ele ansiava por reconhecimento por seu trabalho, mas também o temia, pois isso causaria problemas. Não se encaixava em sua vida de casado e pai de família. Ele jamais permitiria que alguém contasse a verdade sobre ele enquanto estivesse vivo.
— Rupert Smith, escritor, historiador e biógrafo de Barrington, em entrevista ao jornal *The Independent*.

Com 17 anos em 1938, Barrington começou a fotografar jovens esbeltos enquanto ainda era estudante de arte na Inglaterra — e depois na École des Beaux-Arts em Paris. Seu primeiro modelo tinha 16 anos, e, a partir daí, descobriu que seus modelos gostavam da atenção que recebiam quase tanto quanto ele gostava de fotografá-los.

Ele insistia que seu fascínio pelo corpo masculino era parte integrante de seu processo artístico, e suas fotografias se tornavam a base para imagens usadas na criação de desenhos, gravuras em ponta de prata e esculturas. No entanto, Barrington também se envolvia com os mesmos homens que fotografava, pois entendia a atividade sexual como uma “expressão física da sua admiração pela arte” diferente de uma prática homossexual.

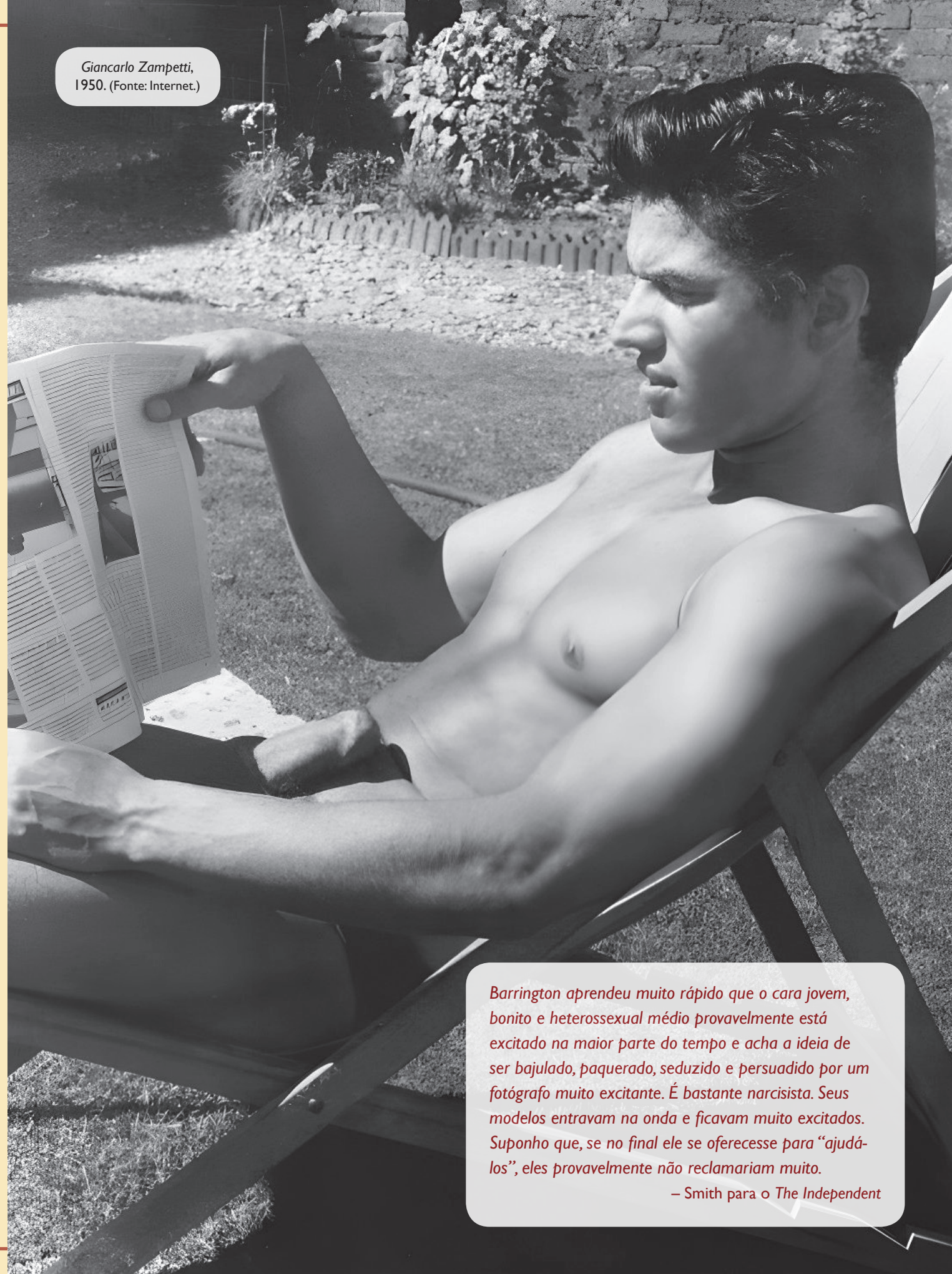


John S. Barrington por Angus McBean.



Fonte: Internet.

Giancarlo Zampetti, 1950. (Fonte: Internet.)



Barrington aprendeu muito rápido que o cara jovem, bonito e heterossexual médio provavelmente está excitado na maior parte do tempo e acha a ideia de ser bajulado, paquerado, seduzido e persuadido por um fotógrafo muito excitante. É bastante narcisista. Seus modelos entravam na onda e ficavam muito excitados. Suponho que, se no final ele se oferecesse para “ajudá-los”, eles provavelmente não reclamariam muito.

— Smith para o *The Independent*

Nos tempos da Segunda Guerra Mundial, se destacava com seu monóculo, cabelos longos e bengala, frequentando cafés e bares clandestinos durante os apagões em busca de soldados, marinheiros e aviadores em licença. Em 1948, começou a fotografar fisiculturistas e, no ano seguinte, dois policiais disfarçados o prenderam por “assédio” em um banheiro público. O artista escapou da prisão ao pagar uma pequena multa e continuou abertamente com suas escapadas.

Barrington conseguia justificar sua vida, existência e comportamento concebendo-os como um alter ego ou dupla personalidade, como se o homem casado com filhos e o pornógrafo promíscuo fossem duas pessoas separadas dentro do mesmo corpo. Acho que a fotografia surgiu do seu desejo de ter esses relacionamentos sexuais. Às vezes, parecia que a fotografia era um detalhe à parte.

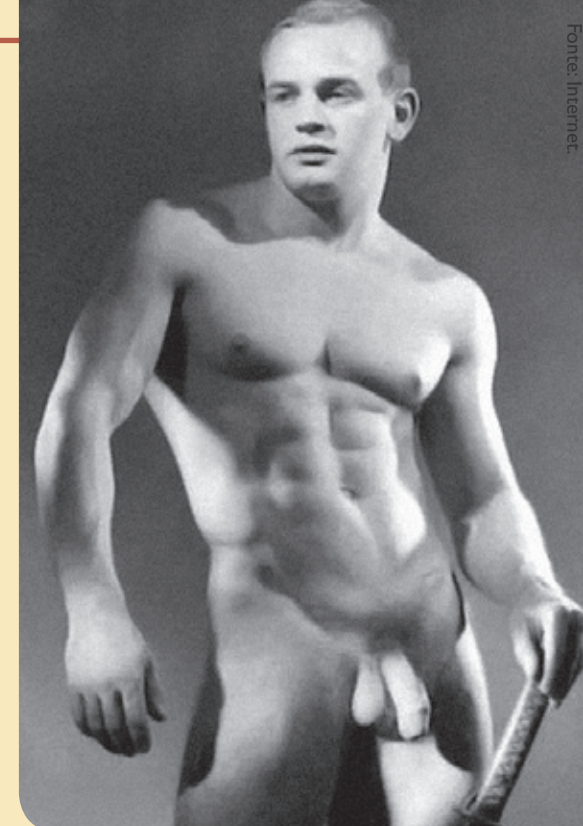
— galerista Brian Paul Clamp.



Fonte: Internet.



Fonte: Internet.



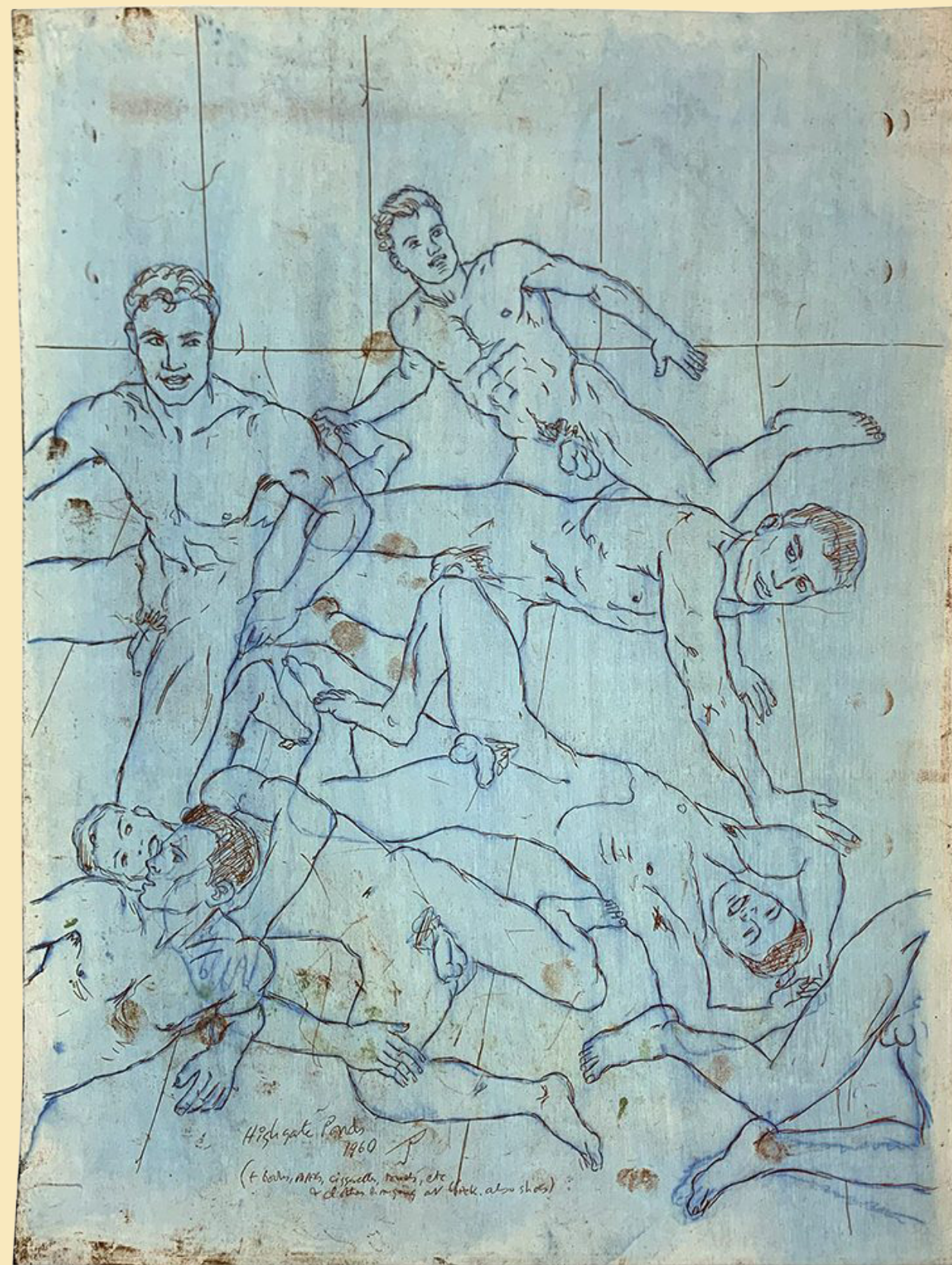
Fonte: Internet.



Fonte: Internet.



Estudo de figuras, colagem de xerox, acetato e nanquim, 1960 (Fonte: ClampArt Gallery).



Lago Highgate, nanquim e aquarela sobre papel, 1960 (Fonte: ClampArt Gallery).

Em 1952, Barrington foi preso por enviar material obsceno pelo correio: ele imprimia fotografias de modelos nus e desenhava cuecas à grafite que poderiam ser apagadas por seus assinantes. Novamente se livrou ao pagar multa.

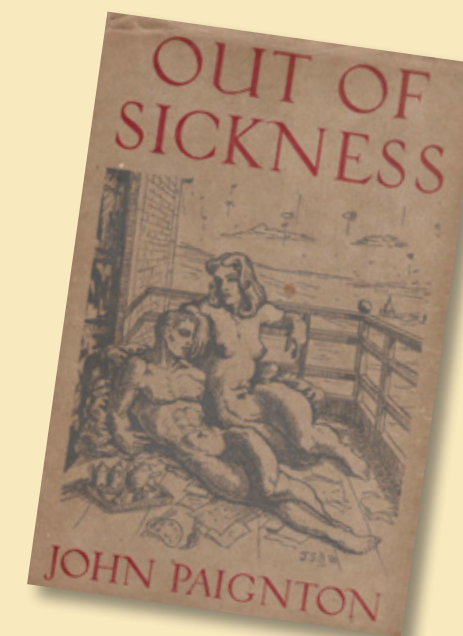
Ironicamente, quanto mais precisava pagar multas, mais produzia material considerado impróprio para conseguir dinheiro. Foi isso que o levou, em 1954, a lançar a *Male Model Monthly*, a primeira revista de fisiculturismo do Reino Unido – mesmo cheia de erros ortográficos e uso de imagens de outros fotógrafos sem autorização ou créditos devidos. Porém, em 1955, foi considerado culpado pelo crime de produção de material obsceno e precisou cumprir três meses de prisão.



Acima, *Nu masculino exibindo os músculos* (nanquim sobre papel, s.d.). Ao lado, *Manu Cannes* (nanquim sobre papel, 1960), *Homem sentado* (nanquim sobre papel, 1961), *Fisiculturista em repouso* (nanquim sobre cartão, 1962) e *Leo* (ferrotipia sobre papel, 1969). (Fonte das imagens: ClampArt Gallery)

Barrington era também movido pela ambição e pelo sonho de legitimidade, aventurando-se como dramaturgo, produtor teatral e romancista, além de – pasmen! – ser um exemplo de respeitabilidade heteronormativa! Casou-se e formou uma família, chegando a escrever em seu diário: “Esta é a coisa pela qual rezei por tanto tempo, este relacionamento normal, saudável e alegre com uma garota”. Sua esposa não era ingênua e sabia tanto de sua vida pregressa quanto dos seus desejos. Ela chegou a tirá-lo da cadeia em uma ocasião e isso, aos poucos, abalou o casamento, mas eles nunca se divorciaram e ainda tiveram filhos.

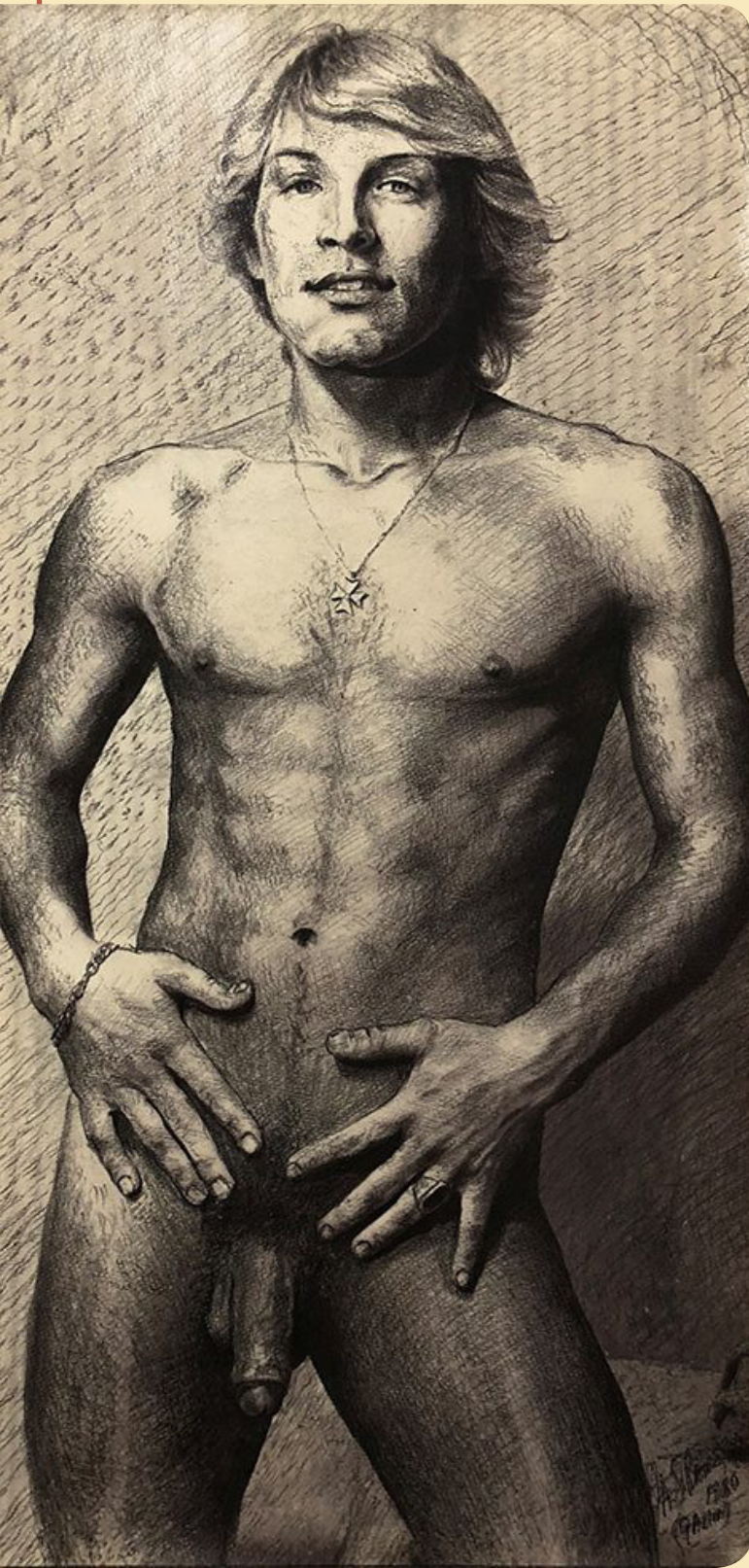
Os modelos preferidos de Barrington sempre foram o rapaz comum, natural, que sorriam para a câmera, nem muito musculoso, nem excessivamente arrumado. Ele evitava homens que se identificavam como gays, pois era



Acima, o romance *Out of Sickness* (Sem doença) assinado com o pseudônimo do artista. Ao lado, *Nu masculino posando em uma parede de pedra*, intervenção à nanquim em fotografia, s.d. (Fonte: ClampArt Gallery).



Gavin, grafite sobre papel, 1980 (Fonte: ClampArt Gallery).



essencial manter a ilusão de que não havia nada de estranho em dois homens nus após uma sessão de fotos. Segundo seu biógrafo Rupert Smith, Barrington via seus relacionamentos com pessoas do mesmo sexo como puramente uma busca do prazer físico e procurava se distanciar da figura estereotipada da “bicha”, que ele detestava, sentindo-se mais atraído por homens heterossexuais que rejeitavam suas investidas.

De 1954 a 1979, publicou muitas outras revistas de fisiculturismo tanto no Reino Unido quanto nos Estados Unidos – às vezes sob o pseudônimo de John Paignton –, como *MAN-ifique*, *FORmosus*, *Superb Youth* e *Youth in the Sun*. Foi o auge em sua carreira com sua reputação consolidada em círculos cult, participando inclusive da *Physique Pictorial* de Bob Mizer. Ele também publicou vários livros relacionados à fotografia, à anatomia e à antropometria para o benefício de artistas.

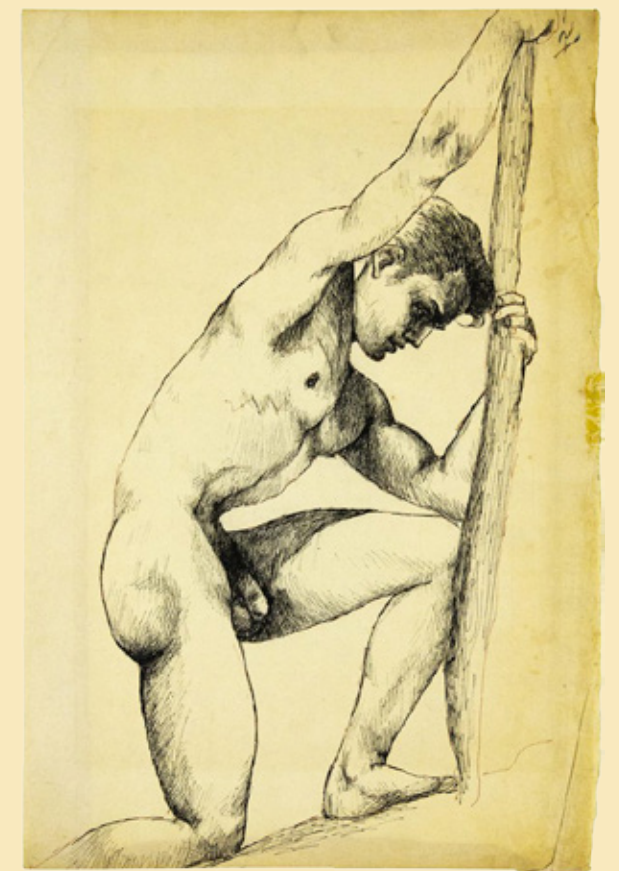
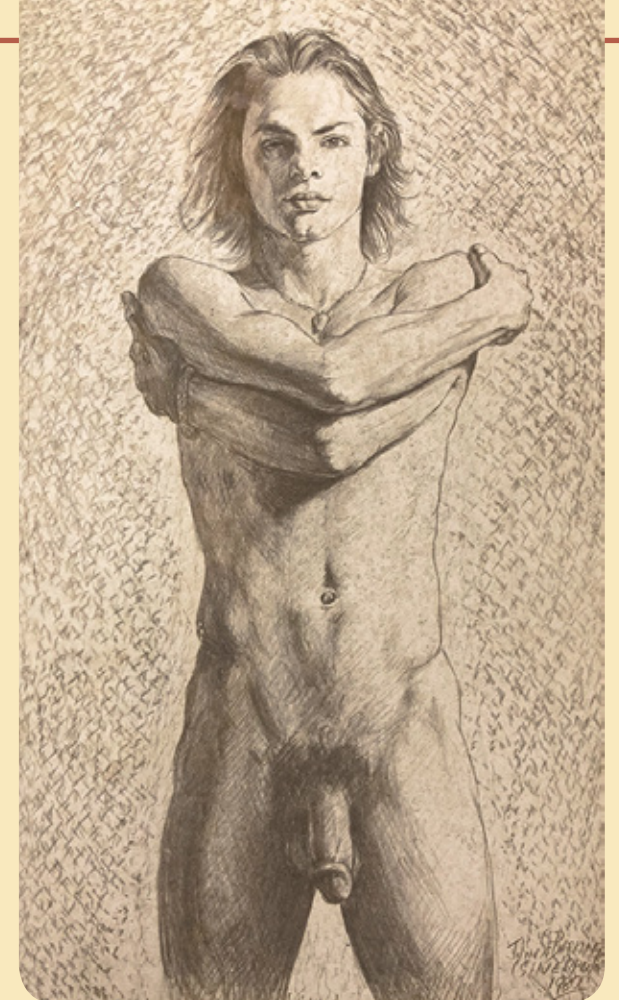
Contudo, Barrington continuou sofrendo com a lei. Em 1962, sua casa foi invadida e diversas fotos e revistas foram apreendidas, sendo condenado a pagar uma pequena multa. Já em 1963, foi preso sob a Lei de Publicações Obscenas, mas teve apoio de sindicatos estadunidenses para sua soltura.

Este caso não é apenas de John Paignton, é o caso de todos nós.
– Lynn Womack, *Guild Press*, EUA

Com o passar do tempo, material pornográfico passou a ser desejado e Barrington não teve entusiasmo para produzir cenas mais sexualizadas. Na década de 1980, houve um ressurgimento do interesse pela fotografia de homens musculosos e Barrington conseguiu



Acima, *Nu masculino com cadeira azul*, aquarela, guache e pastel sobre cartão, 1980. Ao lado, *Nu masculino* (desenho em ponta de prata, 1980) e *Ajoelhado* (nanquim sobre papel, s.d.). (Fonte das imagens: ClampArt Gallery)



reconhecimento e notoriedade pelo trabalho que havia feito décadas antes. Em 1984, dizia-se que ele havia publicado mais títulos com nudez do que qualquer outra pessoa na Europa ou nos Estados Unidos. Barrington nunca teve a chance de desfrutar plenamente dessa popularidade, pois foi diagnosticado com leucemia, vindo a falecer em agosto de 1991. **8=D**

George Krause se dedicou à fotografia depois de se aposentar da carreira no ensino superior, por volta de 2008. Inspirado por Arthur Tress, Robert Mapplethorpe, Peter Hujar, Vivienne Maricevic, entre outros, decidiu celebrar a vida em todas as suas diversas manifestações com a câmera.

O registro da nudez artística, erótica e fetichista de homens e mulheres é em defesa da liberdade sexual e da aceitação do próprio corpo. Por essa razão, também se coloca como modelo e vem percebendo uma maior receptividade à temática.

Krause revela que metade de seus ensaios nus são com homens e que eles possuem poucas restrições, assumindo frequentemente poses eróticas por iniciativa própria. Nesses casos, o fotógrafo deixa o modelo ditar o ritmo e se surpreende com os resultados. **8=D**







SEJA MAIS.

**ben-
feito
ria**

A **Falo Magazine** tem por princípio máximo o **conhecimento** livre. Sempre foi pensada de forma **gratuita e online**, onde o alcance poderia ser máximo e atemporal.

O trabalho é árduo. **Uma única pessoa** é o editor, o repórter, o pesquisador, o redator, o tradutor, o revisor, o designer, o assessor de marketing, o gerente de redes sociais, o faxineiro etc etc... sem qualquer ganho financeiro. A vantagem é que o **ganho cultural, social e pessoal são imensuráveis**. Porém, é preciso que a revista seja autossustentável e possa investir em si mesma.

Você já é nosso colaborador somente pelo fato de acessar a revista, as redes sociais e ter chegado até aqui. Caso você queira colaborar para deixar um material de qualidade como legado cultural e social e ainda sentir que são parte da revista, escolha uma das **assinaturas mensais!**

www.benfeitoria.com/falomagazine

AMIGO DA FALO

R\$10 / mês

agradecimento na Falo

VIP DA FALO

R\$20 / mês

agradecimento na Falo e revista bimestral com antecedência por e-mail

PATRONO DA FALO

R\$50 / mês

agradecimento na Falo, revista bimestral com antecedência e os anuais em inglês por e-mail

[www](http://www.benfeitoria.com)

Obrigado a vocês que acreditam na revista e no poder transformador da Arte!

Alcemar Maia, Daniel Caye, Estevão Sena, Marcos Rossetton, Maria da Graça, Paulo Cibella, Paulo Mendes, Silvano Albertoni, Christopher Norbury, Daniel Tamayo, Fabio Ibiapina, Felipe Migueis, Marcos Resende e benfeitores anônimos.



Sometimes in Bed

Sometimes in bed
The way he smiles
My heart skips a bit

Sometimes in bed
He gives so much
I must weep

Sometimes in bed
Who he is
Warms my insides

NUTOPIA

Ensaio Fotográfico em Estúdio – São Paulo (Bela Vista)



Transforme seu corpo em arte.

Descubra o seu potencial através de um ensaio que valoriza forma, presença e expressão.

Nutopia é um projeto autoral de fotografia contemporânea que celebra a masculinidade com sensibilidade, estética e atitude.

📍 Studio Nutopia – Bela Vista, SP



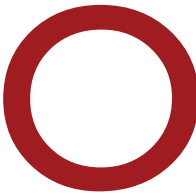
Agende seu ensaio agora:
www.nutopia.online
11 93734-7518

Nudez carnavalesca

por Filipe Chagas



Epaaaa! Tem genitália desnuda na Avenida!
Jorge Lafond no desfile da Beija-Flor de 1990.
(Foto: Guilherme Bastos. Fonte: Globo.com)



Carnaval parece parte de uma essência brasileira que remete à liberdade do corpo dos nossos povos originários. Mas não. Longe disso. O Carnaval é uma construção milenar europeia ligada a rituais e foi lapidado pela Igreja. O corpo passou de livre para controlado, de subversivo para proibido. Vamos conhecer um pouco dessa história.

CONVENÇÕES CONVENTUAIS

No século 7, o Papa Gregório I definiu a Quaresma, os quarenta dias de jejum antes da Páscoa. Esse longo período de privações incentivou diversas festividades nos três dias que antecediam o primeiro dia da Quaresma (a Quarta-feira de Cinzas). Esses três dias foram chamados de “Dias Gordos”. E, assim, nasceu o Carnaval, que, embora de origem ainda incerta, a palavra (*carnis valles* em grego, ou *carnem levare* em latim medieval) está relacionada com a ideia de deleite dos prazeres da carne antes do grande jejum.

Alguns consideravam o carnaval uma festa para celebrar a colheita, semelhante às antigas festas gregas para Dionísio e às homenagens ao deus Baco com bebida e sexo. Contudo, as festividades parecem ter se inspirado nos rituais pagãos para homenagear o início do Ano Novo e o renascimento da natureza que, na Antiga Roma, prolongavam-se por sete dias em dezembro. Todas as atividades e negócios eram suspensos neste período: os escravos ganhavam liberdade temporária para fazer o que quisessem e as restrições morais eram relaxadas.



Detalhe da obra *A luta entre o Carnaval e a Quaresma* (óleo sobre tela, 1559), de Peter Bruegel, o Velho, onde se vê o carnaval representado por um açougueiro gordo sobre um barril de cerveja seguido por foliões fantasiados, enquanto a quaresma é uma mulher apática puxada por um monge e uma freira, seguida por uma procissão com símbolos religiosos.



Acima, o *Entrudo* de Debret (gravura e aquarela, 1834) e, abaixo, a aquarela *Jogos durante o carnaval no Rio de Janeiro*, de Augustus Earle (1822), mostrando as diferenças sociais entre entrudo público e o privado.

BAGUNÇA BRASILEIRA

Nosso povo nativo não seguia religiões europeias, portanto, não havia qualquer referência a festividades carnavalescas. No entanto, chocamos os portugueses “pudicos” ao vivermos constantemente sem nos preocupar com vestimentas e realizarmos diversos rituais como viemos ao mundo.

Ao sermos invadidos, colonizados, escravizados e aculturados, novos costumes foram impostos. Entre eles, veio o entrudo*, uma celebração portuguesa que ocorria no período

anterior à quaresma, em que as pessoas molhavam umas às outras em locais públicos (com participação de pessoas escravizadas num momento raro de “diversão livre”) e privados (classes mais altas que não queriam ser tocadas por pessoas de classes consideradas inferiores).

Com a chegada da Coroa em 1808, o entrudo passou a ser visto como grosseria e selvageria. Uma intensa campanha na imprensa foi realizada para vilipendiar a celebração, inclusive com repressão policial. O entrudo resistiu, mas a manutenção da proibição fez com que a prática perdesse força a partir da segunda metade do século 19 e desaparecesse por completo no começo do século 20, transformando-se em outras celebrações populares mais organizadas, como os ranchos (semelhante aos blocos de hoje) e os corsos (desfiles de carros enfeitados), que viriam a se tornar o Carnaval mais desejado do mundo!



* Alguns historiadores defendem que o entrudo (*introitos*, “entrada” ou “começo” em latim) foi um momento de celebração e liberação dos impulsos e prazeres, que já existia entre antigos povos que habitavam a Península Ibérica.

SAPUCAÍ SUBVERSIVA

Quando se organizou, na década de 1930, uma parada carnavalesca como uma disputa entre grupos, o espetáculo cênico com o objetivo de seduzir jurados usou a nudez como ferramenta. Aproveitando a suspensão dos juízos morais durante o Carnaval, pessoas seminuas – em sua grande maioria (quase totalidade) de mulheres em biquínis – passaram a representar tanto uma liberdade utópica quanto um padrão estético desejável que poderiam ser usadas como produto (sim, produto comercial a ser vendido como ativo turístico-cultural). No meio de um grande palco lotado de alegorias e adereços, o corpo nu tornou-se um holofote.

Até meados dos anos 1980, não havia regras claras sobre a nudez nos desfiles de carnaval. A consolidação da televisão como eixo central do espetáculo foi o ponto de mudança, especialmente quando, em 1988, a modelo Enoli Lara desfilou totalmente nua, coberta apenas por pintura corporal. A transmissão ao vivo em TV aberta, em horários acessíveis a menores de idade, tornou inviável a tolerância à nudez total que existia em décadas anteriores. Também em 1988, promulgou-se a Constituição Brasileira que enquadrou a nudez em público como ato obsceno. A resposta da Liesa (Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro) veio em 1990: “proibição da genitália desnuda”.

Revoltado com o que considerou um ato de censura, o carnavalesco Joãozinho Trinta concebeu o enredo **Todo Mundo Nasceu Nu**, na G.R.E.S. Beija-Flor de Nilópolis. Em um dos carros alegóricos, o ator Jorge Lafond se apresentou completamente nu somente com um pompom e brilhos no pênis (e a escola foi vice-campeã!). No ano seguinte, a Liesa passou a incluir a proibição de desfilar com a genitália à mostra, mesmo que pintada ou decorada, transferindo às escolas a responsabilidade direta por impedir esse tipo de apresentação (punição de 0,5 na avaliação geral).

Todo mundo nasceu nu

Autor do enredo: Joãozinho Trinta
Carnavalesco: Joãozinho Trinta
Intérprete: Neguinho da Beija-Flor

*A luz resplandeceu no caos
Anunciando um novo dia
Haja terra, água, fogo e ar
Imensas florestas, terríveis animais
Surge o homem...
Todo mundo nasceu nu
Criou seu aparato, que barato!
Começando o rebu*

*Vestiu a frente
Cobriu atrás
Por baixo dos panos
Sacanagem...*

*Trepado no cangote
Dos pecados capitais
Galopou a humanidade
Um lindo paraíso descobriu
Sou eu este gigante “Brasil”
Tropeço do meu caminhar
Monstros de aço, em selvas de pedra
Ninho de famintas serpentes
Devoram toda riqueza e beleza
Que sufoco, minha gente!
Hei de vencer, de vencer
No carnaval extravaso o meu canto
Vale o que está escrito, é o grito:
“Olhai os lírios do campo”*

*Toca fogo no rabo
De quem nada faz
Eu sou povo, me acabo
E não aguento mais*

Qual seria o “jeitinho brasileiro” para burlar as regras? O tapa-sexo. Colados ou encaixados, os tapa-sexos – esses sim com algumas origens indígenas – tornaram-se certeza entre as fantasias femininas de destaque. E para homens também, que passaram a usar tapa-sexo, bem como tangas e biquínis para explorar o volume, mas não os contornos genitais.

Acontece que em 1992, a ousadia de Joãozinho Trinta no uso do tapa-sexo deu problema. O carnavalesco colocou o modelo Torez Bandeira com um tapa-sexo que não aderiu adequadamente por conta de todo óleo besuntado no corpo do rapaz. No meio do desfile, o tapa-sexo caiu e a nudez exposta causou a demissão do carnavalesco. Nem a explicação de homenagem ao *Homem Vitruviano* de DaVinci adiantou.

64

Abaixo, Torez Bandeira besuntado e Joãozinho Trinta. Ao lado, o modelo sem o tapa-sexo.



(Fonte: Arquivo da Fama/Internet)



(Foto: Júlio César Guimarães. Fonte: Wikipedia)

Mas isso não impediu que a nudez – especialmente a feminina – permanecesse na avenida. Em 2015, a G. R. E. S. Mocidade Independente de Padre Miguel defendia o enredo *Se o mundo fosse acabar, me diz o que você faria se só te restasse um dia?*, inspirado em uma música de Paulinho Moska e Billy Brandão, e trouxe um carro com homens e mulheres usando nada mais do que tapa-sexos. Nem mesmo os mamilos femininos foram cobertos (já que o topless é permitido). Nesse caso, todos os tapa-sexos permaneceram no lugar... pelo menos para os jurados e para a televisão.

Mesmo o carnaval tendo sua origem numa liberdade física e moral, a construção da sociedade seguiu – de forma tortuosa – e a celebração precisou se adaptar. Seria interessante se pudéssemos dessexualizar a nudez para que o corpo fosse visto em sua totalidade, beleza e dicotomias, porém, o rumo que tomamos é misógino, patriarcal, machista e racista, e, portanto, muito precisa ser feito antes de se discutir a nudez carnavalesca. **8=D**

Carro alegórico “Andava pelado na chuva?” com homens e mulheres vestindo apenas tapa-sexo. (Foto: Alexandre Durão. Fonte: Globo.com)





NÃO SE PRENDAM A ESTEREÓTIPOS



Pesquisa sobre
a anatomia
peniana feita com
a participação
de mais de 100
leitores/seguidores,
**totalmente
ilustrado.**

PDF | 140 páginas | \$

Entre em contato através do
e-mail falonart@gmail.com



Projeto experimental de **Rodrigo Turra** que aborda masculinidades e o tabu do pau mole.



O MINI-GUIA PAUMOLICE PARA MELHORAR SUA RELAÇÃO COM SEU PAU MOLE

spoiler: não inclui mandar fotos do pau sem consentimento.

é mole??

Muitos homens sentem uma certa vergonha do tamanho do seu membro em estado natural (a tal ansiedade paumolente/genital). Esse desconforto aparece em momentos como ao se trocar no vestiário, na praia quando o volume da sunga parece não ser suficiente, ou até mesmo no cotidiano com seu parceiro ou parceira. O fato é que isso vai além do mero relacionamento com o seu pênis: isso tem a ver com questões como o medo de se mostrar vulnerável, ou certas expectativas e ideais sobre masculinidade e virilidade. E trabalhar nisso pode trazer benefícios e autoconfiança em outras áreas da sua vida. Nesse pequeno guia coletamos algumas dicas e exercícios que surgiram de leituras, relatos e até do nosso questionário sobre como homens aprenderam a se relacionar melhor com seu pau mole e com a sua própria nudez.

1. seja o vizinho pelado

É bem provável que você veja mais corpos nus através das telas do que o seu próprio (ou corpos reais ao seu redor). Como será que isso afeta a nossa auto-imagem? Fique mais tempo pelado com você mesmo. Durma pelado. Tenha momentos de nudez com você mesmo para além do banho. Cruze as pernas. Olhe pra baixo e assimile o seu dote em todos os seus formatos, do mais engruvinhado no frio ao esparramado nos dias quentes. Divirta-se com isso. Faça um tour pelo seu corpo. Reconheça seu corpo, e lembre-se de que é o que você tem para o resto da vida. Seja gentil consigo mesmo.

2. pause o pornô

Na falta de educação sexual, o consumo irrestrito de pornografia iniciado cada vez mais cedo, cria expectativas irreais sobre nossos corpos e também sobre os corpos dos nossos parceiros e parceiras. Pare a pornografia por um tempo, ou definitivamente, e sinta como isso te afeta. Reduza o consumo e exercite sua imaginação e o toque quando for bater um bolo. Se ainda assim for algo importante para você, prefira conteúdos amadores e criadores que buscam quebrar estereótipos da indústria pornográfica ou que representem melhor o seu tipo de corpo.

3. pratique nudez com outras pessoas

Esse passo é um desafio para muita gente, mas vale a pena. Crie momentos de nudez não-sexualizada. Por exemplo, deixe de lado a “dança da toalha” na hora de se trocar no vestiário ou com pessoas próximas. Renormalize a nudez em ambientes seguros.

4. não guarde pra você

Você não está sozinho. Existem (muitas) outras pessoas que também têm essa insegurança, e às vezes falar sobre isso ajuda a processar e entender melhor de onde isso vem. Se é algo que você ainda tem receio de falar com as pessoas ao seu redor, mesmo depois de uma cerveja com amigos ou parceiros, comece por outros canais. Existem fóruns online, como comunidades no Reddit, ou grupos que discutem masculinidades. (E claro: tem a **Falo!**)

5. visite (e frequente) lugares nudistas

Vença esse medo. É estranho a princípio, mas vale a pena exercitar a nudez não-sexualizada em ambientes públicos pensados para isso. Espaços reais, sem filtros, onde há diversidade de corpos. Busque praias de nudismo, retiros, eventos, festivais, saunas. É libertador estar em contato com a natureza, onde a nudez é naturalizada. Em países como o Brasil e EUA, esses lugares são cada vez mais raros, mas ainda existem. Vá sozinho ou convide alguém próximo. E pesquise sobre a etiqueta nesses espaços (evite tirar fotos, por exemplo.) Lembre-se de que há uma camada cultural. Em culturas indígenas ou nos países escandinavos, a nudez é comum e socialmente aceita.

6. mude a perspectiva

Às vezes é preciso mudar o ponto de vista para enxergar as coisas de outra forma. Estamos acostumados a olhar para baixo ou pelo espelho, mas talvez um espelho no chão ou até pela câmera do seu celular, pode trazer outra forma de enxergar seu pau.

Importante: ter fotos do seu membro vem com seus riscos, como vazamentos ou sua aparição nada intencional quando for mostrar suas fotos de férias. Siga com precaução. (P.S. : Caso isso tenha dado uma turbinada de autoconfiança, não saia enviando a foto para quem não pediu :))

busque ajuda profissional

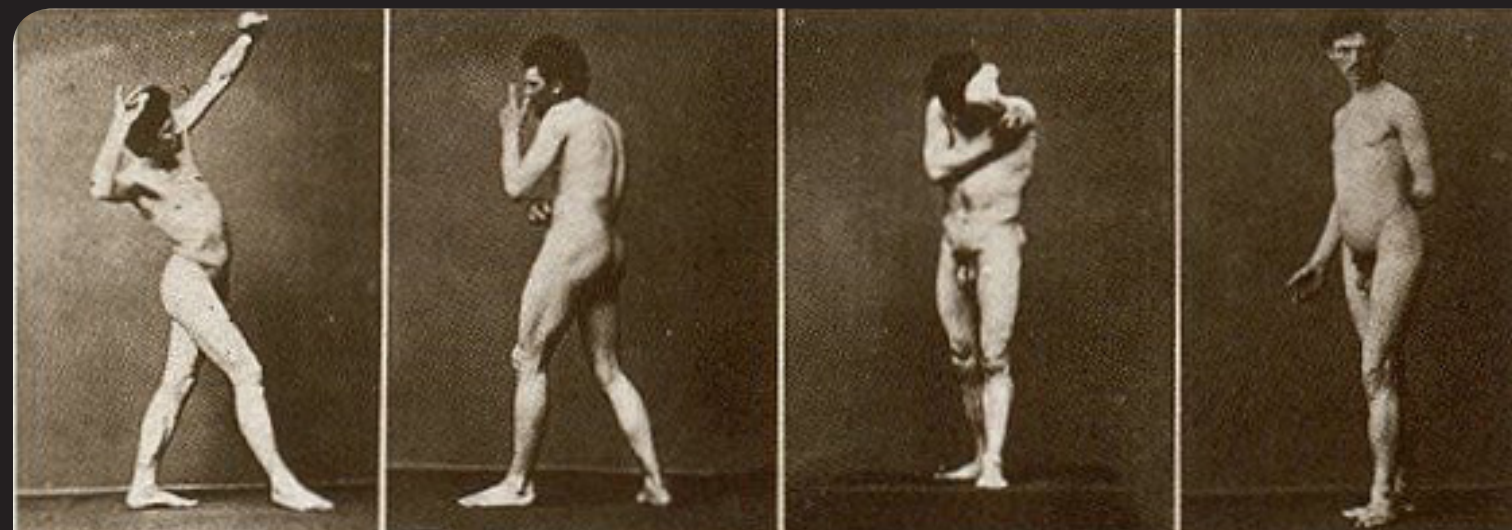
Se essa insegurança é algo que te paralisa, que está prejudicando sua vida, sua autoconfiança, e minando seus relacionamentos e momentos íntimos, procure um profissional da psicologia e/ou da urologia. Cuide da sua saúde mental.

Lembre-se:

Em uma sociedade que lucra com sua insegurança, gostar de si mesmo é um ato rebelde.

— Caroline Caldwell

Sentiu falta de alguma coisa que funcionou pra você? Conte-nos em paumolice@gmail.com





NO TOPO DO MUNDO

Subamos!

Vinicius de Moraes,
Os Acrobatas

No topo do mundo, no topo de Sampa, nós nos beijamos. Tenho medo de altura, mas depois de algum tempo me acostumo e não sinto mais medo. A vida é isso, se acostumar aos medos, ao afogar-se, ao trampolim. Levamos conosco para o alto o resto de uma garrafa do malbec do almoço, ou jantar, não tenho muita noção. No último andar aonde nos ascende o elevador chegamos a uma piscina, um terraço, um pequeno salão de festas, àquela hora vazios, mas você segurou minha mão e me levou a uma escondida porta corta-fogo e subimos um lance ou dois de escadas e agora sim, estávamos na laje no telhado na cumeeira onde ninguém vai, no verdadeiro topo do mundo inabitado a não ser por nós dois. Ao longe, ouço um som de *blues*, ou talvez eu esteja imaginando. No céu azul-da-prússia, fogos de artifício, e eu brinquei que eu é que havia contratado os fogos. Você riu, como se minha pilhéria fosse uma novidade e não o lugar comum de alguém apaixonado, e me beijou, senti tua língua e o gosto acre da saliva de fumante, não me importo, eu posso até fumar *gauloises*, se for o caso, posso ter um enfisema um câncer de pulmão septicemia metástase, não tenho medo, estou

com você no topo do mundo e podemos voar. Aviões passam ao longe e eu vejo a rota de Congonhas o tal CGH como é tão perto do Ibirapuera o tal parque. Se fosse no Rio, um barquinho, a tarde cai, aqui não é nem o caso. Uma metrópole, e nos beijamos de novo e sei o que é isso tudo e qual o custo, um dia alguém vai ter que pagar por isso, na verdade estou pagando cada centavo. Cada. Centavo. Helicópteros, estes já passavam sobre nossas cabeças. Tenho muito medo de um helicóptero entrar em pane, acontece muito, e ao pôr do sol eles todos, os helicópteros, caírem sobre a cidade, provocando incêndios e destruição em massa, mas não é hora de sentir medo, estamos no topo do mundo e nada pode nos ameaçar, desde que você me beije e eu te beije e a gente beba do malbec (levamos taças também, claro, roubadas do restaurante). Nós nos beijamos, mais uma vez. Ao fundo, no horizonte, a cidade continua até se perder de vista, como se não houvesse mais nenhuma paisagem natural, apenas o “construído”, como no cinema. Escurece, a escada é íngreme, a altura é muita, mas ao teu lado não sinto medo, apenas vontade de te beijar mais uma vez. Tenho que ir embora.



Textículo 03

ABRI SUA BRAGUILHA APRESSAD, COMO
QUEM DESEMBRULHA UM PRESENTE
MUITO ESPERADO. SEU CHEIRO FORTE,
ACRE, DE VIRILHA SUADA E ROLA
BABADA, FEZ MEU PAU PULSAR DE
TESÃO!



KEITH POP, O DR. ROCK'N'ROLL





FORA DA NORMA, ALÉM DO CARNAVAL...

O carnaval é um espaço historicamente significativo para a expressão e visibilidade LGBTQIA+, mas essa visibilidade temporária coexiste com uma sociedade mais ampla que, durante a maior parte do tempo, é conservadora e repressora. O sistema tolera o “desvio da norma” desde que ele caiba em apenas 4 dias, o que não significa um real respeito à diversidade na vida cotidiana. Para o pesquisador e historiador James Green, autor do livro “Além do Carnaval”, embora haja maior tolerância e visibilidade LGBTQIA+ hoje em muitas partes do Brasil e dentro do carnaval, essas conquistas não significam o fim de enfrentamentos ou violências sociais contra a comunidade ao longo do ano.

O Brasil construiu para si a imagem de país “sensual e liberal”, mas essa imagem convive com repressão, violência e controle mental especialmente fora do carnaval. Quando a expressão é autorizada apenas em contextos delimitados, o psiquismo aprende algo muito específico: “posso ser quem eu sou, mas apenas em certos espaços”, “minha diferença é tolerável se for performática”, minha visibilidade depende de enquadramento”. Pode-se dizer que o carnaval, ainda que um momento/espço extremamente necessário para corpos dissidentes, não cria exatamente aceitação, mas suspende a norma, e suspensão não é transformação, afinal, estamos integrados à vida social e não apenas performando em espaços limitados.

Existir em regime de exceção não é existir. Individualmente, pessoas LGBTQIA+ podem trabalhar a desmontagem da identidade performática como única forma de reconhecimento, a construção de uma autoestima que não dependa exclusivamente do olhar validante do outro e desintegrar o histórico coletivo de exclusão que atravessa a subjetividade individual. Mas o que exatamente o contexto social baseado em governo, educação e religião faz por nós? Podemos amar carnaval, mas existimos para muito além de 4 dias de festa.



FOTO DE HOMEM



O maior portal de **nu masculino** do Brasil.
www.fotodehomem.com



moNUmento



Modelo: Roberto Carvalho.
Foto: autorretrato.



FALD

ISSN 2675-018X
falonart@gmail.com

